



Videoconferência de Jean Laplanche sobre os *Três ensaios**

*Jean Laplanche***, Paris

O autor apresenta uma síntese do texto de Freud, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, e debate com a platéia sua leitura a partir da teoria da sedução generalizada.

Descritores: Três ensaios. Freud. Teoria da sedução. Teoria da sedução generalizada.



* Videoconferência com prof. Jean Laplanche para a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Integrantes da mesa: Raul Hartke (coordenador), presidente da SPPA e Ruggero Levy, diretor científico da SPPA.

** Membro da Associação Francesa de Psicanálise.



1 Coordenador

Meu nome é Raul Hartke e estou aqui na qualidade de presidente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Ao meu lado encontra-se o Dr. Ruggero Levi, diretor científico de nossa sociedade, responsável, juntamente com sua comissão, por toda a organização desse evento que é o ponto culminante de nossas celebrações dos cem anos de publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) por Sigmund Freud.

Nessa breve locução introdutória, eu gostaria inicialmente de – em nome da SPPA – agradecer ao professor Laplanche pela aceitação do convite para esta videoconferência. Tal concordância muito nos honrou e estimulou, já que seus próprios escritos constituem, para muitos de nós aqui presentes, uma fonte (por que não dizer um *objeto-fonte*?) inesgotável para nossas reflexões psicanalíticas ou, como ele prefere chamar, para nossa *teórica* psicanalítica.

O professor Jean Laplanche é Membro da Associação Francesa de Psicanálise e organizador das obras completas de tradução de Sigmund Freud.

Quero também lembrar a importância do professor Laplanche para a psicanálise atual e, particularmente, para o tema específico deste nosso simpósio, isto é, a sexualidade humana, no sentido que Freud lhe deu.

Muito mais do que um exegeta da obra de Freud, qualidade que não deixa de revelar no seu conhecidíssimo *Vocabulário da psicanálise* (1967) – escrito em conjunto com Pontalis – o professor Laplanche é um renomado autor que, segundo sua própria e feliz expressão, se empenha em colocar Freud a trabalhar, interpretando o pensamento de Freud com o pensamento do próprio Freud, problematizando frutiferamente temas psicanalíticos freudianos. Com isso, localiza os momentos cruciais das descobertas ou intuições freudianas, mas também identifica, questiona e busca saídas consistentes para deslizamentos, fissuras, rupturas, acomodações e mesmo desvios quanto ao que ele costuma chamar de *exigência* ditada pelo próprio objeto da descoberta. Ditada, portanto, nem por Freud, nem pela lógica, mas pelo objeto da intuição. Podemos acompanhar e aproveitar profundamente esse seu trabalho interpretativo e desvelador de problemas na coleção de volumes justamente intitulados *Problemáticas*, de sua autoria: *Vida e morte em psicanálise* (1985), *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante* (1993) e no texto proposto para o debate de hoje, apenas para citar alguns.

Estes textos nos colocam em contato com o seu método, aplicado diretamente à questão da sexualidade conforme apresentada por Freud nos *Três ensaios* (1905). Nesses textos, nós leitores não somos simplesmente apresentados às idéias



do criador da psicanálise, nem muito menos recebemos *fórmulas* do pensamento freudiano. Aprendemos – isso sim – e somos estimulados a pensar com Freud, o que faz respirar a psicanálise, tornando-a um pensamento vivo, desafiador, sempre incompleto, inacabado, por vezes inclusive angustiante, porém sempre estimulante...

Mas, nesse processo, Jean Laplanche vai também gradativamente desenvolvendo suas próprias formulações, sua própria teoria, e isso culmina com a proposição de *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1987), título de outro de seus livros. Com eles J. Laplanche propõe-se, de forma consistente e instigante, completar a *Revolução Copernicana* que, segundo ele afirma, Freud teria deixado inacabada, na medida em que voltou a situar no biológico e no endógeno – dentro, portanto, do próprio sujeito – a gênese do aparelho psíquico sexual humano. Jean Laplanche, pelo contrário e a seu ver, seguindo de perto intuições freudianas iniciais, a explica a partir da relação inter-humana, através das *mensagens enigmáticas* que o adulto, isto é, o outro, envia para a criança, isto é, o sujeito. Gênese, portanto, a partir de algo que provém de fora do sujeito, do Sol para a Terra e não da Terra para o Sol. Eis, de acordo com nosso autor de hoje, a revolução copernicana completada por meio de sua *Teoria da Sedução Generalizada*.

Finalmente cumpre sublinhar que o estilo da escrita de J. Laplanche tem sempre a estimulante elegância e *finesse* – poderíamos dizer o *bouquet* – próprias de um grande *Pinot Noir* da Borgonha, vinho no qual ele é também um renomado especialista, produtor do famoso *Château de Pommard*. É um prazer revê-lo. Tivemos a satisfação de entrevistá-lo para nossa *Revista de Psicanálise*, em 04 de outubro de 1996. No ano passado, a revista também contou com um importante trabalho seu, no número temático sobre o inconsciente. Agora, no dia 24 de setembro, mais uma vez nossa sociedade faz contato com Jean Laplanche, em uma época do ano entre 21 de setembro – data na qual Freud, em carta a Fliess, aparentemente sepulta sua teoria da sedução restrita – e 15 de outubro – quando lhe escreve sobre a descoberta do complexo de Édipo. Período fértil para Freud e para a psicanálise, como esperamos que seja este evento de hoje, também tão próximo do Equinócio da primavera aqui no Hemisfério Sul.

Muito obrigado e passamos agora a palavra ao professor Jean Laplanche para sua exposição inicial.





Jean Laplanche

2 Jean Laplanche

Obrigado a vocês dois e à SPPA, com a qual tenho grande prazer de estar hoje, num *vôo rápido*, a partir de uma distância tão longa. É mesmo uma maravilha podermos conversar assim. Mais uma vez é um grande prazer estar com vocês e ver alguns de meus textos publicados na sua revista, o que permite continuar uma discussão mais frutuosa. Estamos hoje reunidos para comemorar o centenário dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de Freud (1905-2005), mas é muito mais que uma comemoração, pois, a meu ver, este escrito permanece muito vivo. E está especialmente vivo em sua primeira versão de 1905, que ainda não havia sofrido os remanejamentos feitos por Freud posteriormente. Aconselho, então, lerem também os *Três ensaios* de 1905 separadamente, como um escrito à parte, em seu aspecto insólito, desconcertante e, eu diria, até mesmo traumatizante. É uma versão autônoma que deve ser tomada como tal antes de todos os remanejamentos que Freud efetuou ao longo dos anos. Proponho abordá-la do ponto de vista que me é próprio: a teoria da sedução.

De um lado, a *Teoria da Sedução* de Freud, entre 1895 e 1897, e, de outro, a ampliação ou a generalização que propus fazer através da *Teoria da Sedução Generalizada* nestes últimos anos. A sedução está presente por toda parte nos *Três ensaios*, sobretudo no segundo e terceiro Ensaio. E, para simplificar as coisas, eu gostaria de levantar hoje duas questões: a questão do patológico e a questão da intervenção do outro. Quanto à questão do patológico, se os *Três ensaios*, por uma espécie de anacronismo, tivessem sido escritos dez anos mais cedo, em 1895, será que teriam modificado o futuro da *Teoria da Sedução*?

De certo modo pode-se pensar que sim, pois a teoria de Freud de 1895-1897 está ligada à patologia. É essencialmente uma explicação da histeria. A histeria está no centro. Além disso o inconsciente é concebido por Freud naquela época como patologia, e a psicanálise tem por objetivo assintótico, mas real, suprimir o inconsciente, poderíamos dizer. A situação de sedução que estaria na origem da histeria, segundo Freud, é ela própria patológica. Ela implica a intervenção de um adulto perverso, e, segundo Freud naquela época ao menos, nem todos os adultos são tão perversos. Em relação ao seu pai, ele se pergunta especificamente se deveria admitir que ele próprio (o pai) era um perverso. Na refutação de 1897 considera impossível que todos os pais sejam perversos para produzir filhos ou filhas histéricas. Ora, o aporte dos *Três ensaios* sobre esse ponto é considerável. Todo adulto, nos diz Freud em muitas passagens, conserva nele os restos da perversidade polimorfa da infância. Em uma pequena passagem entre uma dezena de outras, afirma que é definitivamente impossível não reconhecer,





na igual predisposição a todas as perversões, o humano e o original em sua universalidade. Vejam como Freud amplia a noção de perversão, que era estritamente restrita ao momento de sua *Teoria da Sedução*. Com os *Três ensaios* desaparece, portanto, o obstáculo ligado à psicopatologia e a via está aberta para uma generalização da *Teoria da Sedução*, para o inconsciente normal, embora Freud ainda leve um certo tempo para aceitar a idéia de um inconsciente em todo ser humano e não apenas nos neuróticos. Mas a idéia de um inconsciente normal segue seu caminho e este caminho é totalmente aberto com os *Três ensaios* de 1905, porque é justamente este inconsciente perverso polimorfo, essa perversidade polimorfa da infância, que constitui, por assim dizer, seu substrato, o substrato do inconsciente geral universal. Porém Freud não seguiu nesta direção. Podemos nos perguntar por quê, mas vamos ver que não é o caso.

Passo à minha segunda questão, isto é, à questão do objeto, que prefiro chamar a questão do Outro. Essa questão do Outro está ligada à onipresença da sedução no segundo e no terceiro Ensaio. Freud se refere abertamente a seu texto de 1896, *Sobre a etiologia da histeria*, reforçando e generalizando a idéia da sedução presente em todo ser humano. Ela não está presente apenas nos casos patológicos, mas em todas as pessoas normais, assim como nos casos patológicos. A sedução está ligada ao que Freud nomeia o objeto, e que eu prefiro denominar a intervenção do Outro, o Outro adulto, pois a idéia de objeto é ainda uma idéia que chamo de ptolomaica, ou seja, centrada no sujeito, centrada numa pulsão autocentrada, enquanto que a idéia do Outro recorre à intervenção. Como foi lembrado há pouco, a intervenção do Sol, poderíamos dizer, em torno do qual gravita a Terra. Então, o Outro, para Freud nos *Três ensaios*, é um dos pais? É claro que é um dos pais, mas não obrigatoriamente. Não é obrigatoriamente a mãe, é qualquer pessoa que dispensa cuidados, é toda *Pflegenpersonen*, como ele diz em alemão, isto é, todo adulto que cuida da criança. No surgimento da sexualidade, Freud atribui então um papel importante aos gestos de cuidados, às intenções, a todo o atendimento dispensado à criança pelo adulto. Ora, faço aqui um parêntese para dizer que isso intervém com base em uma concepção inteiramente auto-erótica da pulsão por outro lado. Auto-erótica quer dizer que Freud admite que a pulsão infantil não tem objeto externo, mas também não tem objeto fantasmático. Pode-se dizer que uma das grandes falhas do pensamento freudiano durante quase todo o seu desenvolvimento é a escotomização da fantasia infantil. Para Freud, há verdadeiramente uma indiferença da pulsão em relação a todo objeto, mesmo que seja um objeto na imaginação. Ele diz que a natureza e o valor do objeto sexual passa para o segundo plano, é outra coisa que é essencial e constante na pulsão sexual. Neste confronto de uma pulsão auto-erótica com o Outro, qual é o papel da sedução?





Jean Laplanche

Evidentemente é um papel muito importante, mas uma coisa curiosa é o fato de Freud pensar que é um papel que não vai senão perturbar as coisas. A sedução, diz ele, vem confundir, perverter, obscurecer aquilo que seria normalmente a pulsão em sua originalidade, ou seja, a pulsão do puramente autocentrado, auto-erótico. Por outro lado, a sedução vem também, do ponto de vista intelectual, perverter, confundir nossa própria concepção da pulsão. Haveria, pois, da parte da sedução, uma confusão real no ser humano e, ao mesmo tempo, uma confusão epistemológica para o psicanalista que a observa. A sedução é um *desmancha-prazer*, ela introduz o objeto, mas ela introduz nossa confusão sobre o objeto.

Passo rapidamente ao terceiro Ensaio, onde vamos encontrar muitas contradições e mudanças. Observo duas mudanças. Em primeiro lugar, esse *desmancha-prazer*, fortuito poderíamos dizer, vai desempenhar um papel importante, universal no surgimento e no reforço da pulsão sexual. A sedução é inevitável nos cuidados corporais mecânicos, físicos, mas ela também está infalivelmente ligada a toda relação de ternura, mesmo que esta não esteja diretamente ligada a cuidados corporais. Refere que a mãe ficaria muito provavelmente horrorizada se lhe explicássemos o fato de que é ela que, com todos os seus carinhos, desperta a pulsão sexual de sua criança, preparando sua intensidade ulterior. Universalidade, portanto, da sedução como ação exercida pelo adulto sobre a criança. O acaso, o fortuito, o que era ocasional na causação da neurose, torna-se uma necessidade, torna-se algo fundamental. Isso vai ao encontro daquilo que tentei designar sob o termo de *situação antropológica fundamental*. A *situação antropológica fundamental* é a confrontação de um adulto que tem um inconsciente sexual, que, aliás, é largamente um inconsciente sexual infantil, com uma criança que, inicialmente, não tem inconsciente e cuja sexualidade é inexistente. Mas vamos assistir a uma segunda mudança. Todas as relações são impregnadas pela sexualidade do adulto, nos diz Freud. Então, a priori, dever-se-ia pensar que isso poderia compreender até as relações muito primárias. Para ele, porém, há uma única exceção, o aleitamento, o seio. Freud sempre recusou pensar várias coisas: a erogeneidade do seio da mulher, à qual ele praticamente nunca fez alusão e que é, contudo, uma zona erógena importante na mulher, no sentido mais banal do termo, portanto, o caráter erógeno do seio. Além disso a excitação – o que vai mais além – a excitação sexual do seio no processo do aleitamento. Lembro aqui a frase de Freud a respeito do seio de que encontrar o objeto é reencontrá-lo. Observem que, em *encontrar* e em *reencontrar* o sujeito, é sempre a criança que o encontra e não o Outro que traz o objeto. Em suma, há em Freud uma confusão entre o seio que alimenta, obviamente encontrado – diríamos mesmo o próprio leite, alimento encontrado – e o seio sexual, em que transparece a atividade sexual da mãe. A própria idéia de





objeto vem obscurecer a noção do Outro como sujeito da sedução. Eu quis resumir bastante rapidamente esse texto. Concluo assim: apesar dos passos importantes, mas também com todos os passos hesitantes e às vezes contraditórios propostos pelos *Três ensaios*, ainda faltam muitos elementos a Freud para generalizar e retomar sua *Teoria da Sedução*, pois generalizar o fato da sedução não é generalizar sua teoria. A esta teoria faltam a erogeneidade do seio que amamenta; a presença de fantasias desde a infância, inseparável da sexualidade; a noção de mensagem vinda do Outro, endereçada pelo Outro adulto; e, finalmente, a afirmação da dissimetria de base entre adulto e criança, o que eu denomino *situação antropológica fundamental*, situação que por essência é dissimétrica.

Muito obrigado e espero que tenhamos tempo para debater tudo isso.

3 Debate

Questão – *Antes de tudo, gostaríamos de destacar o quanto foi agradável e instigante ser conduzido, ao longo do texto, a uma releitura dos Três ensaios pelo olhar agudo e crítico de Jean Laplanche. São garimpados os momentos em que Freud se aproxima, tangencia a idéia de que o objeto tem uma ação sedutora decisiva na iniciação da sexualidade infantil, mas, ao final, não adota a teoria da sedução para explicar o desenvolvimento normal da sexualidade humana. Embora entendamos perfeitamente o seu empenho no sentido de destacar o papel fundamental do outro adulto na estruturação do psiquismo do bebê, através da Teoria da Sedução Generalizada e da situação antropológica fundamental, não lhe parece que Freud não chegou a ela porque queria destacar o papel da erogeneidade do corpo, da excitação do órgão? O quanto lhe parece importante a noção do prazer próprio do órgão?*

Jean Laplanche (JL) – Sim, é claro. É importante destacar nos *Três ensaios* que todo órgão, toda parte do corpo pode ser uma zona erógena, mas o que é curioso é o fato de que sempre há uma espécie de pequeno parêntese, de pequenas escotomizações, de pequenos recalques relativos ao seio e à boca, isto é, no próprio aleitamento, esta idéia é esquecida. Para Freud o seio nunca é um órgão erógeno. A meu ver é muito importante no próprio esquema do nascimento desenvolvido por Freud, o que ele chama a experiência de satisfação, ou seja, o próprio nascimento da sexualidade na criança, o fato de ele esquecer que, nessa confrontação dos lábios com o seio, o seio é ativo.



Questão – *Entendemos perfeitamente a importância que o senhor atribui ao inconsciente do Outro, especialmente o sexual infantil, na fundação e estruturação do psiquismo do bebê. Gostaríamos que o senhor pudesse nos auxiliar a clarear a maneira como o biológico, o instintivo, entraria na constituição da mente, se não sob a forma pulsional.*

JL – Penso que o biológico, no sentido do instintivo, tem uma parte muito importante. Mas tentei bem esclarecer as coisas. O biológico e o instintivo na autoconservação funcionam desde muito cedo, desde a infância, e todos os trabalhos dos etologistas, desde Braselton e muito outros, mostraram esse funcionamento de autoconservação. Por outro lado, a autoconservação, que podemos chamar de ternura ou de apego se desejarmos – para mim, são termos que se sobrepõem um pouco. Evidentemente, autoconservação é um pouco mais frio, mais neutro. Ternura e apego são termos muito mais afetivos. Portanto, apego, ternura ou autoconservação são tomados num movimento que é de diálogo, desde cedo, entre a criança e o adulto. Muito cedo há sinais mais ou menos claramente rudimentares que vão se completando pouco a pouco, mas há uma troca, um diálogo desde muito cedo entre a criança e o adulto no plano da autoconservação. Inversamente, penso que, no que diz respeito à sexualidade, esta sofre uma espécie de paradoxo extraordinário: o adquirido, isto é, a pulsão, aquilo que é implantado pelo Outro, vem antes do inato. Costumamos pensar que o inato vem antes do adquirido. Ora, no campo da sexualidade, o adquirido vem antes do inato, no sentido de que o inato ou a sexualidade inata só vai se desenvolver na pré-puberdade e na puberdade. Na verdade, então, existe todo um período no qual todo o campo está livre para o intersubjetivo e para o adquirido. Esta é mais ou menos minha concepção. Não penso de maneira alguma que a sexualidade adulta deva ignorar o inato, mas o inato deve encontrar seu lugar, se assim podemos dizer. Eu disse uma vez que a sexualidade adulta encontra o lugar já ocupado pela sexualidade infantil. É preciso que a sexualidade adulta encontre *seu* lugar com a sexualidade infantil, que, por sua vez, se manifesta extremamente cedo. Concebo isso mais ou menos da seguinte maneira: um lugar bem definido atribuído tanto ao instintivo autoconservativo quanto ao instintivo sexual. Considero, porém, a idéia de que uma espécie de inversão do desenvolvimento faz com que, na criança, o adquirido – o intersubjetivo – advenha antes de o inato encontrar seu lugar.

Permitam-me uma pergunta. O que lhes parece esse meu modo de ver? Não é um tanto paradoxal o fato de o adquirido vir antes do inato, justamente o contrário de tudo aquilo que os etologistas têm dito geralmente? Há uma inversão no ser



humano que faz com que o intersubjetivo venha antes do biológico, se assim podemos dizer, no plano da sexualidade.

Questão – *Entendemos perfeitamente suas idéias, professor Laplanche, e entendemos também o papel do intersubjetivo, decisivo na situação antropológica fundamental, assim como o papel decisivo do sexual e o papel que o inconsciente da mãe desempenha junto à inoculação da sexualidade. Mas sempre fica a pergunta para nós, pelo menos para alguns de nós: onde se situa o prazer que inicialmente, ou desde os primeiros momentos, a criança pode sentir pelo simples contato com o objeto da satisfação das necessidades? Entendemos perfeitamente sua idéia e a importância de sua contribuição com um conceito psicanalítico da maior relevância.*

Gostaríamos de fazer uma colocação a respeito das repercussões sobre a técnica psicanalítica. O seu conceito de mensagens enigmáticas, parece-nos, aumenta significativamente a complexidade do campo intersubjetivo. A situação analítica, tal como o senhor afirma, reatualiza a situação antropológica fundamental e reinstaura a sedução originária. Com base nisso, poderíamos supor que a transferência se estrutura não apenas a partir dos investimentos pulsionais do paciente, mas também a partir do inconsciente do analista? O senhor poderia nos falar mais sobre isso?

JL – Penso, com efeito, que a situação analítica se estrutura essencialmente a partir do analista. Não penso, no entanto, que seja necessariamente a partir da contratransferência do analista, isto é, a partir de seus afetos em relação ao paciente. Ela se estrutura de acordo com a capacidade do analista, em sua relação com seu próprio inconsciente, de manter a dimensão do enigmático, ou seja, é o enigmático que constitui o motor do desenvolvimento, poderíamos dizer assim, da criança, que faz o próprio motor [...] ¹ Não se trata de seus afetos, mas de manter seu inconsciente em estado de vigilância e de não saber como dimensão fundamental da situação, além de valorizar os afetos do analista. Eu diria que é uma posição bastante ascética em relação a algo que seria privilegiar os afetos do analista. Penso que denominamos contratransferência, já que vocês estão me levando para esse terreno, e que, do ponto de vista da contratransferência, se tendeu dema-

¹ Notas dos Editores: um agradecimento especial à colega Eneida Suarez que gentilmente cedeu suas anotações sobre o debate de Jean Laplanche com o público. As supressões ao longo do texto do debate, decorrentes de um problema técnico que culminou em cortes da gravação, são indicadas por [...].





Jean Laplanche

siadamente a concebê-la como sendo do campo do afetivo, isto é, não do campo do inconsciente, mas do campo do pré-consciente – consciente, e que se levou muito a intervenção da contratransferência do analista para o lado de seus afetos conscientes, digamos. Desconfio muito da simetria que foi estabelecida entre os termos transferência e contratransferência. Para mim, a contratransferência é uma má denominação, não sei se podemos ver nela o termo simétrico da transferência. A contratransferência, eu diria antes a posição do analista em relação a seu próprio inconsciente, é algo que depende antes de tudo de sua análise pessoal e de sua auto-análise. Penso que é sobretudo disso que depende a posição subjetiva do analista.

Questão – *Na continuação da pergunta da mesa, minha pergunta é sobre o conceito de transferência em oco. Na medida em que o senhor pressupõe que a função da interpretação será estimular a função tradutora, os conteúdos da interpretação passam a ser irrelevantes e isso se contraporia ao seu conceito de transferência a cheio. Minha pergunta é em relação à técnica, a atitude analítica, do analista de não saturar. A proposta é que haja um estímulo da função de tradução do paciente e se isto não se dá através dos conteúdos da interpretação, se não fica uma atitude do analista que não se satura pelo seu próprio pensamento. Eu lhe perguntaria como isso se veicula com uma montagem enigmática. Posto que se dá através de uma atitude mental mais do interior do psiquismo do analista, como se pode imaginar que os pacientes irão ter a sua função tradutora estimulada?*

JL – É uma questão muito difícil e me admiro como você a observou sobre a *transferência a pleno e a oco*. Nunca relacionei a interpretação com a tradução. A tradução da criança da mensagem enigmática sempre tem um aspecto de repressão. Ao ser traduzida deixa de lado uma outra coisa. Tradução não é como uma frase, um ponto. Interpretar é dizer a essa pessoa que ela está fazendo isso ou aquilo, o que não é uma tradução, desconfio delas na medida em que sempre trazem uma teorização do analista, uma teorização que pode ser válida para o momento, mas sobre a qual não podemos esquecer que ela recalca, e, inversamente na transferência em oco, o trabalho cabe ao paciente e não ao analista, ela deixa subsistir o enigma, é um ideal.

Não penso que o analista deva transmitir uma mensagem enigmática e, se o fizer, é de forma inconsciente. Duas idéias:

- a) idéia de que o adquirido vem antes do inato, que o inato sexual surgirá só na puberdade. Para mim pressupõe que a sexualidade infantil é ape-





nas uma psicosexualidade, excluindo todas as zonas erógenas que são inatas;

- b) idéia de apoio. O conteúdo de apoio, expressão usada em relação à pulsão sexual sobre a de autoconservação. A sedução originária também se apóia sobre funções de autoconservação, ou este conceito de apoio perde a sua significação a partir da teoria da sedução generalizada.

A sexualidade infantil era pulsional e de origem intersubjetiva. O que não significa que seja uma psicosexualidade, porque o intersubjetivo pode incorporar os cuidados corporais da mãe. Nenhuma mensagem psíquica é completamente psíquica, ela vai tocar uma parte do corpo da criança. Recuso a idéia de que a sexualidade infantil seja de origem intersubjetiva. É o resultado de uma dialética endógena e exógena, mas a psicosexualidade cabe ao Outro. Não gosto da palavra psicosexualidade. Para mim toda sexualidade é corporal e psíquica. Nenhuma sexualidade humana se conhece sem o aspecto fantasmático ancorado no corpo.

A questão do apoio. Há várias interpretações, endógena e exógena. A endógena é o fato de que haveria no organismo duas pulsões: a de autoconservação e a sexual, que culminaria de forma paralela ao desprendimento de uma à outra. Freud não escreveu um artigo sobre apoio. Minha concepção é que o apoio é posto em ação pela sedução. O que desprende *algo* da autoconservação é a sedução. A sedução é o verdadeiro apoio. Fui criticado por isso. Deixei de lado o apoio na medida em que veicula com ele uma idéia endógena da sexualidade e isso eu recuso.

Coordenador – A meu ver a teoria da sedução generalizada de certa forma corrige uma espécie de desmentida do interior do objeto. Mas outros autores já falavam (M Klein, Bion) sobre o interior do objeto. O que me parece fundamental na sua proposição é apontar que esse interior do Outro tem sexualidade.

Daí minha primeira questão relativa à situação analítica: o analista tem sexualidade no seu interior? Na *tina* – na situação analítica como o senhor costuma chamar – não acha que qualquer interpretação também teria sempre um conteúdo latente e que isso funcionaria como mensagem enigmática?

Quanto à minha segunda questão, o senhor diz *trabalho*, sobre o inconsciente, que só podemos tornar um mito compreensível a partir do Outro. Acho que isso é válido para estudar teorias, inclusive as psicanalíticas, falo em colocar teorias em concorrência. Nesse sentido pergunto-lhe: o Ics, a oposição Pcs/Ics, assim como o objeto fonte da pulsão, originam-se de falhas no aparelho de tradução da criança? Mas o senhor considera, no seu trabalho, pelo que entendi, que esses códigos, para tradução, inatos ou adquiridos, formam parte do âmbito autoconser-





Jean Laplanche

vativo e, portanto, não têm a ver com o psicanalítico em si (o autoconservativo). Em contraposição, Bion considera que o inconsciente e o consciente se formam a partir da função alfa, mas esta função não é inata, provém sim da mãe, mas está permanentemente na sua constituição, baseada e cercada de conflitos e angústias, pode, portanto, não se desenvolver, desviar-se, é algo que está no âmbito da psicanálise para ele, talvez no foco principal do trabalho analítico. Gostaria de suas considerações sobre esses aspectos.

JL – Colocação bem difícil. Primeiro, do conteúdo latente da interpretação, concordo bastante, mas tentei apontar dois tipos de interpretação. Uma que seria mais uma construção, ou mesmo uma tradução, em que há necessariamente um conteúdo latente. Por outro lado, uma intervenção interpretativa, mais designando do que construindo. Aí tem um conteúdo latente difícil de ser percebido, tem muito a ver com o inconsciente do analista. Bendito o analista que, após uma intervenção, seja capaz do trabalho de auto-análise e seja capaz de reconhecer que, se apontou tal elemento, foi em função de seu inconsciente. É o trabalho de todo analista perseguir continuamente sua auto-análise. Enfim, há um inconsciente muito mais simples numa interpretação que seria construtiva do que numa interpretação visando desmentir o paciente.

Quanto à segunda parte de sua questão, não a peguei bem, mas o senhor fazia alusão a Bion. Envergonho-me de dizer que o conheço muito mal. Em minhas tentativas de abordar Bion, sempre tive a impressão de que se trata de um sistema – bastante complicado, é claro – que eu denominaria mais uma psicologia do que uma psicanálise. Não vejo muito a presença do sexual em Bion. Ele nos leva a uma espécie de sistematização do aparelho psíquico que não tem muito a ver com a descoberta freudiana do sexual. Para mim é o fundamental da psicanálise.

[...] O que Popper chama de falsificações, e mais do que colocar as teorias em concorrência, eu colocaria em concorrência as teorias com alguns fatos. Estou tentando promover, em um pequeno grupo de pessoas que seguem minhas idéias na França e fora dela, uma reflexão epistemológica sobre a teoria psicanalítica e especialmente sobre a teoria que tentei formular, ou seja, a *Teoria da Sedução Generalizada e da Situação Antropológica Fundamental*. Não penso que as teorias psicanalíticas sejam postas à prova pela prática analítica, penso que o são de outro modo. Afinal, a prática psicanalítica pode ter êxito mesmo com interpretações errôneas. Muitas práticas podem ter objetivos psicanalíticos sem se dizerem psicanalíticas, tal como práticas mal vistas por nós como as cognitivistas. Isso não quer dizer nada. Nas verificações das teorias, penso que elas não se verificam pela prática psicanalítica. Afinal de contas, podemos dizer que a mecânica, como por





exemplo a teoria da gravitação, pode ser verificada tanto pelas pontes construídas que se mantêm de pé, quanto por aquelas que desmoronam. A verificação pode ser tanto pelo êxito como pelo fracasso.

Questão – *Em uma nota de rodapé dos Três ensaios (1905), Freud diz que uma das coisas que diferencia a sexualidade do homem primitivo da do homem civilizado é a ênfase colocada pelo homem primitivo na pulsão em detrimento do objeto da pulsão. Enquanto que no civilizado há uma ênfase, um cuidado com o outro, com o objeto e não uma satisfação da pulsão. Na pós-modernidade o homem estaria buscando o gozo da pulsão mais do que o objeto, mais que qualquer outra coisa. Qual o papel da cultura na mediação da pulsão e do objeto?*

JL – A antigüidade não dava valor ao objeto e os modernos se voltaram para o objeto e valorizam a pulsão pelo valor do objeto. Desconfio do termo objeto. A noção de objeto, quando se fala de sexualidade, está centrada no sujeito. O objeto é objeto da pulsão. Tentei derrubar a idéia de que na sedução é o Outro que chega e estimula a pulsão. [...]

Questão – *O sr. falou com respeito ao Outro nos Três ensaios. Isso me leva a pensar em objetos parciais. Que outro é esse que o sr. menciona? Qual a origem desse Outro no seu conceito? Isso com respeito às suas considerações do enigmático e dos registros do tipo XZ a que o sr. se refere. Revisando Freud, só teria alguma relação com o imaginário.*

JL – O objeto nos *Três ensaios* (1905) é tanto total como parcial, ora um ora outro. No primeiro dos ensaios, o objeto, quando Freud fala das aberrações com relação ao objeto, são quanto ao objeto total. Trata-se da escolha de objeto homossexual. Nos segundo e terceiro ensaios, quando diz que encontrar o objeto é reencontrá-lo, está falando do objeto parcial. Qual a relação deste objeto com o que chamou de o *Outro*? Não é o *Outro* abstrato, lacaniano com *O* maiúsculo. Não seria da instância do simbólico? É uma outra pessoa, adulta, portadora de um inconsciente que, na sua relação com a criança, lhe transmite mensagens que são veiculadas pelos objetos parciais? A relação disso com a fantasia é evidente, porque tudo isso tem origem na fantasia. Quando a criança vai tentar metabolizar as mensagens do *Outro*, vai restar algo que podemos chamar fantasia, que é do imaginário. Quanto ao *Outro*, me parece evidente que é a outra pessoa total, portadora de um inconsciente. [...]



Questão – *Na relação adulto-bebê primitiva, situação antropológica fundamental, em que ocorre a sedução originária descrita pelo senhor, são transmitidos à criança significantes e significados enigmáticos, tal como afirma no cap. 2 dos Novos fundamentos para a psicanálise (1987) que o adulto propõe à criança significantes verbais assim como não-verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações inconscientes. Como são transmitidos à criança significados inconscientes a serem traduzidos, se não haveria comunicação de inconsciente a inconsciente nesta situação primordial?*

JL – Sua questão me estimula sobre o problema da comunicação de inconsciente a inconsciente. Para mim, o caráter enigmático de uma mensagem pode ser uma mensagem verbal, uma mensagem gestual, uma mímica, o cuidado dispensado a uma criança impregnado de significação, pode ser muitas coisas. Ele vem do desequilíbrio, da incapacidade de traduzir, da dificuldade de traduzir. Os códigos habituais de compreensão são insuficientes para traduzir alguma coisa que deveria ser muito simples. Uma mãe que troca a fralda de um bebê é algo muito simples, deve poder traduzir-se facilmente, mesmo na linguagem de um bebê, sem que haja nisso resíduos, elementos enigmáticos. Ora, para mim, a intervenção do inconsciente faz com que esse gesto seja portador de um desequilíbrio, ou seja, na tradução pelo bebê de uma situação em que a mãe troca sua fralda, pode faltar algo para englobar a totalidade da situação, pode haver algo enigmático que está no caráter da própria mensagem, para a qual o código habitual é imperfeito. Não vejo aí uma comunicação de inconsciente a inconsciente; não é uma noção que uso muito, o que não significa que eu seja contra. A priori, tenho mais tendência a prescindir dela justamente em proveito de situações como a que acabo de descrever. Há algo que o código habitual não consegue apreender; é preciso, então, inventar, encontrar em algum lugar um outro código, talvez recorrer a histórias que tenham sido contadas, no caso de uma criança um pouco mais velha. Portanto, no caráter enigmático da mensagem, não vejo comunicação de inconsciente a inconsciente. Há percepção do fato de que algo está errado, é incongruente, ou seja, é precisamente o aspecto inconsciente da mensagem.

Minhas considerações finais são acima de tudo palavras de amizade. É um grande prazer corresponder, discutir com vocês, receber suas cartas, enviar-lhes artigos. Porto Alegre é, para mim, um ponto de impacto no Brasil, meu ponto favorito. Meus agradecimentos por essa conferência.



Coordenador – Muito obrigado por aceitar nosso convite e nos reservar uma parte de sua tarde de sábado, que talvez preferisse passar em Pommard. Foi uma honra e um prazer contar com o senhor neste debate comemorativo dos cem anos da publicação efetivamente revolucionária de Freud sobre a sexualidade. Sua exposição e suas respostas certamente nos deixarão resíduos não traduzidos que certamente estimularão um incessante desejo de continuarmos a pensar. □

Abstract

Videoconference by Jean Laplanche on the *Three essays*

The author presents a synthesis of Freud's text, *Three essays on the theory of sexuality*, and holds a debate with the audience about his reading, based on the theory of generalized seduction.

Keywords: Three essays. Freud. Theory of seduction. Theory of generalized seduction.

Resumen

Videoconferencia de Jean Laplanche sobre los *Tres ensayos*

El autor presenta una síntesis del texto de Freud, *Tres ensayos sobre la sexualidad* y debate con la platea su lectura desde la teoría de la seducción generalizada.

Palabras llave: Tres ensayos. Teoría de la seducción. Teoría de la seducción generalizada.

Referências

- FREUD, S. (1896). L'étiologie de l'hystérie. In: ———. *Névrose, psychose et perversion*. Paris: PUF, 1978, p. 140-169.
- . (1905). *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Paris: Gallimard, 1987.
- LAPLANCHE, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- . (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



Jean Laplanche

———. (1993). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em 24/09/2005

Aceito em 18/11/2005

Tradução de **Vanise Dresh**

Revisão técnica de **César Luís de Souza Brito e Gisha Brodacz**

Jean Laplanche

55 rue de Varenne

75341 – Paris – France

e-mail: laplanc2@aol.com

© Revista de Psicanálise – SPPA

